

## O MOVIMENTO NEGRO BRASILEIRO: REFERÊNCIA PARA A EDUCAÇÃO BRASILEIRA

ADRIANE CARNEIRO DE ALMEIDA<sup>1</sup>

### INTRODUÇÃO

*"Flora, segurava sementes na planta da mão e sua alma se abria em festa diante de tamanho alumbramento. Seus olhos inquietavam o pensamento ao pensar no gosto, no perfume, na cor, na forma existente no interior de cada grão. [...] Nesse momento ela descobria que nascer só valia a pena quando para bem viver a diferença." (Bartolomeu Queirós, 2009, p. 18).*

Este trecho é do livro de título Flora, do escritor Bartolomeu Queirós. Me vejo neste trecho, me vejo sendo a Flora na sala de aula, os grãos são minhas alunas e alunos do fundamental I. Compreendo que ao potencializar suas existências em processos educativos humizantes e enraizadores temos a possibilidade de fazer brotar nestas crianças o sentimento de liberdade e da valorização de seus modos de existir. Consequente, quando adultos serão sujeitos de poder capazes de lutar para manter ou garantir seus direitos básicos. Que muitas das vezes não são garantidos às crianças da roça, periferias e indígenas

Se consideramos que a educação formal pode ser uma das aliadas para a construção de uma sociedade mais justa, significa dizer que neste espaço se pretende fomentar momentos de reflexões que permitirá aos estudantes questionar a racialização de sujeitos e assim combater as narrativas colonizantes nas escolas.

Ao pensarmos em ofertar uma educação vinculada com a cultura, estamos contribuindo para a insurgência de práticas formativas que faz sentido para todos os sujeitos que se fazem presente no espaço escolar. O mesmo sentimento pode ser criado se utilizarmos nos espaços escolares diferentes epistemologias, de forma que represente os diferentes lugares de fala existentes nas escolas (OYĚWÙMÍ, 2002).

A partir destas reflexões construídas na disciplina Cultura e Educação no Mestrado em Educação pela Universidade Estadual de Feira de Santana, Bahia,

<sup>1</sup> Mestranda em Educação pela Universidade Estadual de Feira de Santana, Bahia, Brasil; Especialista em Gênero e Diversidade na Escola pela Universidade Federal da Bahia, Brasil; Professora da Secretaria Municipal de Alagoinhas, Bahia, Brasil.

em 2020, o professor Dr. Eduardo Miranda me inquietou pensar a importância de conhecer ações do Movimento Negro Brasileiro para refletir sobre minha pesquisa do Mestrado em Educação, em curso. Com este intuito ele propôs uma produção a partir da leitura do Livro da Nilma Lino Gomes de título “O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação”.

Portanto, o presente trabalho tem como objetivo perceber de que maneira a obra de Nilma Lino Gomes de título “O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação” contribui para sulear os caminhos da minha pesquisa do mestrado.

Partindo deste objetivo o presente trabalho tem uma abordagem qualitativa, foi construído a partir de revisão bibliográfica e está organizado em tópicos. O Primeiro tópico: A obra: “O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação” apresenta um pouco sobre a vida da autora desta obra, traz uma síntese deste livro e explicações sobre o lugar do livro em processos formativos. Em um segundo momento temos o tópico: Nilma Lino Gomes e o Movimento Negro Brasileiro: referências para uma educação humanizante. Neste trazemos reflexões sobre a relação entre a obra da Nilma Lino Gomes e a minha pesquisa do mestrado. Por fim, apresento as considerações finais.

### **A OBRA: “O MOVIMENTO NEGRO EDUCADOR: SABERES CONSTRUÍDOS NAS LUTAS POR EMANCIPAÇÃO”**

Nilma Lino Gomes é Pedagoga/UFMG, mestra em Educação, doutora em Antropologia Social e pós-doutora em Sociologia. É professora Titular Emérita da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Foi Ministra da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial -SEPPIR - (2015) e do Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial, da Juventude e dos Direitos Humanos (2015-2016) do governo da presidenta Dilma Rousseff. É membro da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação (ANPED), Associação Brasileira de Antropologia (ABA), Associação Brasileira de Pesquisadores Negros (ABPN).

Com maestria esta mulher negra pesquisadora vem realizando inúmeras contribuições acadêmicas no campo da Educação, principalmente sobre relações étnico-raciais, gênero e educação, formação de professores para a diversidade e Movimento Negro e saberes. Sua obra, foco deste trabalho, “O

Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação" é expressiva quando se trata em pensar a educação a partir das referências ancestrais e dos movimentos sociais. Nesta obra Nilma Lino Gomes (2017, p. 18) demonstra que este movimento vem há anos investindo em ações de formação humana, de forma que:

*Se não fosse a luta do Movimento Negro, nas suas mais diversas formas de expressão e de organização – com todas as tensões, os desafios e os limites -, muito do que o Brasil sabe atualmente sobre a questão racial e africana, não teria acontecido. E muito do que se produz sobre a temática racial e africana, em uma perspectiva crítica e emancipatória, não teria sido construído. E nem as políticas de promoção da igualdade racial teriam sido construídas e implementadas.*

Publicado em 2017 pela editora Vozes, o livro é composto por sete capítulos; tem um total de 154 páginas e o prefácio foi escrito por Boaventura de Souza Santos, uma das referências centrais da autora em algumas de suas produções. A partir deste pesquisador a autora traz para a obra discussões que permeiam o campo da educação na perspectiva decolonial.

A produção do livro foi orientada pelo o que Nilma Lino Gomes (2017, p. 13) chama de questões:

*O que a Pedagogia e as práticas pedagógicas teriam a aprender com o Movimento Negro entendido como ator político educador? E o campo das Humanidades e das Ciências Sociais? O que os cursos de formação de professoras e professores sabem e discutem sobre esse movimento social e suas demandas por educação? E os cursos de pós-graduação das Humanidades e Ciências Sociais? O que os currículos têm a aprender com os processos educativos construídos pelo Movimento Negro ao longo da nossa história social, política e educacional? A pós-graduação dialoga com esses aprendizados? E têm integrado em seus corpos docente e discente sujeitos negras e negros que fazem parte ou foram reeducados por esse movimento social? Que sabedorias ancestrais o Movimento Negro nos ensina? Como ele nos reeduca?*

A obra, portanto, nos leva a pensar nas referências, nas representatividades, sobre qual espaços acadêmicos frequentamos e temos. No decorrer da obra a leitora ou leitor vai observando todas estas questões serem discutidas e postas de forma que nos provoca refletir sobre tais pontos. Partindo dos estudos de Boaventura Santos, a autora sugere ainda que há a necessidade de termos nas escolas brasileiras uma pedagogia das emergências e das ausências para que seja possível produzir epistemologias do Sul. Que se trata de um "conjunto de intervenções epistemológicas que denunciam a supressão das muitas formas de saber próprias dos povos e/ou nações colonizados" (GOMES, 2017, p. 54); que

investem nos saberes que resistiram a estes processos; e, promovem um diálogo entre diferentes saberes e práticas.

Aqui temos o que pensar sobre a função dos livros nos processos educativos. O que parece ser apenas uma página com rabiscos (letras), é muito mais que uma página com rabiscos. A subjetividade de cada leitor (re)significa cada palavra ou texto escrito em uma página, em um livro. O texto como rastro histórico é capaz de impactar e servir de base para novas construções históricas e sociais (INGOLD, 2019).

Os aparentes riscos/impressões em uma página/superfície contém significação que penetra nos sujeitos que as leem, os modificando cada um de forma e intensidade diferente, de tal modo que liberaria os sujeitos de antigas visões e passariam a perceber o mundo por outras vias. O livro de Nilma Lino Gomes supracitado, percebo como, a depender do estágio de colonialidade em que se encontra a leitora ou o leitor, provocador ou ampliador de fissuras nas colonialidades.

### **NILMA LINO GOMES E O MOVIMENTO NEGRO BRASILEIRO: REFERÊNCIAS PARA UMA EDUCAÇÃO HUMANIZANTE**

O encontro com a Pedagogia Griô me inspirou escrever meu projeto de pesquisa do mestrado, a tendo como temática geradora, ponto de partida. Esta pedagogia se trata de uma prática pedagógica que têm saberes e práticas ancestrais indígenas e afro-brasileiros como referenciais centrais. Esta pedagogia fomenta conexão entre diferentes gerações, entre os estudantes e suas ancestralidades, busca contemplar a vida em sua diversidade, promover o diálogo entre os conhecimentos escolares e os saberes ancestrais, fazendo isso a partir da figura de uma/um mais velha/o que é considerado pela comunidade como mestra/e em um saber. Estes sujeitos são reconhecidos nesta pedagogia como griôs, tomando como referência os *griottes* da África Ocidental (PACHECO, 2015).

Os participantes da minha pesquisa são mais velhas/os negras/os-brasileiros conhecidos em suas comunidades como mestra/e em um saber. Daí a importância da leitura do livro da Nilma Lino Gomes supracitado. A autora nesta obra ao apresentar registros, construir uma cronologia de ações e atuação do Movimento Negro na sociedade brasileira me oportunizou aprofundar meu conhecimento sobre as raízes dos saberes dos povos afro-brasileiros.

A leitura também chamou minha responsabilidade para com as narrativas das/os participantes da pesquisa, por demonstrar que as narrativas das/os mais velhas/os negras/os-brasileira/os carregam um legado de saberes. Quando a professora Lilian Pacheco, criadora da Pedagogia Griô, toma os saberes ancestrais dos indígenas e afro-brasileiros como referências para o desenvolvimento desta pedagogia, ela demonstra perceber estes saberes como legados pedagógicos (PACHECO, 2015).

Segundo Nilma Lino Gomes (2017, p. 16) os movimentos sociais são exemplos de espaços que transitam os saberes ancestrais e são “produtos e articuladores dos saberes construídos pelos grupos não hegemônicos e contra-hegemônicos da nossa sociedade.”

Nas escritas de Catherine Walsh (2014) aprendemos que os movimentos de resistências dos africanos em diásporas e dos indígenas latino-americanos são legados pedagógicos por pedagogicamente ensinarem estes povos a se rebelarem contra sistemas opressores de suas existências.

A leitura na obra da Nilma Lino Gomes reafirmou minha intenção de trazer, principalmente, trabalhos acadêmicos de pesquisadoras/es negras/os brasileiros e africanas/os para dialogar com as narrativas das/os participantes da pesquisa. Já que os saberes destas/es participantes são construídos por elementos de origem africana.

No processo da leitura passei a perceber que como pesquisadora-branca havia uma implicação na produção da dissertação: não é possível defender a minha pesquisa sem discutir/conhecer minha ancestralidade e discussões sobre branquitude. Se fazia necessário retomar e estudar estes dois pontos. Compreendi também que a compreensão ampla das histórias dos índios, brancos e negros me permitirá construir uma pesquisa que corrobore para se pensar uma educação que promova efetivamente a formação de identidades políticas (MUNANGA, 2006) e de uma educação em direitos humanos (GUEDES; SILVA; GARCIA, 2017).

Ao ter contato com a história do Movimento Negro meu discurso vai sendo (re)construído com maior discernimento, respeito às diferenças e vai se reafirmando a ideia de que o mundo não pode ser explicado apenas pelas epistemologias eurocêntricas (GOMES, 2017).

Neste caminho, fui percebendo que meu imaginário sobre minha descendência europeia não deve permanecer embasada apenas pelas

narrativas escolares eurocêntricas ou falas cotidianas sem aprofundamento histórico e criticidade. Pois nelas vivem a ideia de superioridade branca e inferiorização dos afro-brasileiros e indígenas. Diante das aprendizagens proporcionadas com a leitura, me coloco contra a permanência da oferta de uma educação eurocêntrica.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a leitura do livro de Nilma Lino Gomes (2017) me veio em mente o provérbio mandinga *griot* tradicional “antes de saber para onde vai, é preciso saber quem você é” (apud NOGUERA, 2019). Trazendo este ensinamento para minha realidade acadêmica, afirmo que ao pensar em pesquisar a ancestralidade do outro, de negras/os, preciso antes ou no processo conhecer a minha ancestralidade.

Ao concordar com Kabenguele Munanga (2006) e Lilian Pacheco (2015), quando afirmam que a verdadeira democracia ainda está em construção, acredito que esta só seja possível a partir de uma (re)educação das pessoas no que se refere as relações étnico-raciais. Pautar esta (re)educação nas diferentes formações humana corroborará para o enfrentamento das desigualdades sociais instauradas a partir do racismo, do preconceito racial, da discriminação racial, e outros problemas sociais que tem a raça como base construtora.

A obra de Nilma Lino Gomes (2017), reafirma uma concepção que tenho acerca da implementação de uma educação das relações étnico-raciais: se faz necessário aproximação e vivência das/os professoras/es de todo Brasil com o Movimento Negro e o Movimento Indígena.

Este vínculo não só oportunizaria a construção de conhecimentos críticos sobre a história destes povos, mas também considero essencial para romper com os discursos colonizantes nos espaços escolares e afetar os corpos colonizados.

Portanto, quem assume o compromisso de promover a democracia deve agir contra o sistema colonizante das estruturas estatais e situações cotidianas em que o racismo seja detectado. Para alcançar esta consciência e colaborar na construção de um projeto de sociedade e de educação que não desenraíze os sujeitos é preciso oportunizar espaços e processos formativos que provoquem as mudanças.

## REFERÊNCIAS

GOMES, Nilma. **O Movimento Negro educador**: saberes construídos nas lutas por emancipação. Rio de Janeiro: Vozes, 2017.

GUEDES, Josenilson Viana; SILVA, Angela Maria Ferreira da; Garcia, Luciane Terra dos Santos. Projeto político-pedagógico na perspectiva da educação em direitos humanos: um ensaio teórico. **Rev. Bras. Estud. Pedagog.**, Brasília, DF, v. 98, n. 250, p.580-595, set./dez. 2017.

INGLÓD, Tim. Surface textures: The ground and page. **Philological Quarterly**, v. 97, 137-154, 2019. Tradução de Davina Marques.

MUNANGA, K. Identidade, Cidadania e Democracia: algumas reflexões sobre os discursos anti-racistas no Brasil. **Resgate: Revista Interdisciplinar de Cultura**, Campinas, SP, v. 5, n. 1, p. 17-24, 2006.

NOGUERA, Renato. "Antes de saber para onde vai, é preciso saber quem você é": tecnologia griot, filosofia e educação. **Problemata: R. Intern. Fil.**, (online), v. 10, n. 2 (2019).

OYĚWÙMÍ, Oyèrónkẹ́. Visualizing the Body: Western Theories and African Subjects. In: COETZEE, Peter H.; ROUX, Abraham P.J. (eds). **The African Philosophy Reader**. **New York: Routledge**, p. 391-415, 2002. Tradução para uso didático de Wanderson Flor do Nascimento.

PACHECO, Lilian. A Pedagogia Griô: educação, tradição oral e política da diversidade. **Revista Diversitas**, São Paulo, n. 3, p. 22-99, mar. 2015.